

# CARTOGRAFIA SOCIAL URBANA:

IMPACTOS DO DESENVOLVIMENTO  
E DA VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL NA VIDA  
DAS MULHERES MORADORAS DO CAJU  
E DE MANGUINHOS / RIO DE JANEIRO

APOIO:

 HEINRICH  
BÖLL  
STIFTUNG  
15 ANOS no  
BRASIL

REALIZAÇÃO:

 FASE

**CARTOGRAFIA SOCIAL URBANA:**  
IMPACTOS DO DESENVOLVIMENTO  
E DA VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL NA VIDA  
DAS MULHERES MORADORAS DO CAJU  
E DE MANGUINHOS/RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro – 2015  
1ª edição

ISBN 978-85-86471-83-4

**ORGANIZAÇÃO DAS OFICINAS:**

Anelise Gutterres  
Elziane Dourado (Ziza D)  
Leilah Landim  
Joana Barros  
Juliana Farias  
Mônica Pontes  
Rachel Barros

**ORGANIZAÇÃO DA PUBLICAÇÃO:**

Aercio Oliveira  
Anelise Guterres  
Joana Barros  
Rachel Barros

**TEXTOS:**

Aercio Oliveira  
Anelise Gutterres  
Juliana Farias  
Rachel Barros

**FOTOGRAFIAS:**

Ana Paula Epiphânio Lopes  
Elziane Dourado (Ziza D)  
Joana Barros  
Juliana Farias  
Rachel Barros

**PROJETO GRÁFICO:**

Mórula Oficina de Ideias

**IMPRESSÃO:**

Global Print Gráfica  
e Editora Eireli – EPP

**TIRAGEM**

1000 exemplares

**PRODUÇÃO DOS MAPAS:**

**MANGUINHOS**

Ana Paula Epiphânio Lopes  
Ana Paula Gomes de Oliveira  
Elenice Pessoa  
Fátima dos Santos Pinho de Menezes  
Jane Maria Silva Camilo  
Maria de Fátima F. Lourenço  
Monique de Carvalho Cruz

**CAJU**

Clarisse Werneck  
Daniela da Silva Pereira  
Eliane Leandro de Oliveira  
Lília Leandro de Oliveira  
Luciana Soares  
Márcia Rodrigues Galvão  
Marilene Paulino da Silva

**REALIZAÇÃO:**



**PARCERIA:**



**PARTICIPAÇÃO:**

Laboratório de Imagem  
SERVIÇO SOCIAL (UERJ)

NASP  
SERVIÇO SOCIAL (UFRJ)

**E**sta publicação é o resultado do trabalho de moradoras dos Complexos de Favelas do Caju e de Manguinhos, de educadoras populares, militantes e pesquisadoras de organizações acadêmicas e de defesa dos direitos humanos que se reuniram ao longo de 2014 para debater, analisar e buscar meios para combater a violência institucional cometida contra as mulheres.

Nós, envolvidas na mobilização para produzir conhecimento e fortalecer a luta, como vocês poderão conferir na leitura, alimentamos nossas práticas com uma análise crítica da realidade, contribuindo com a organização daquelas que têm seus direitos violados. Com esses princípios comuns, desenvolvemos um processo coletivo de diálogo, análise e escuta, a partir da aplicação da metodologia da autocartografia, com destaque às narrativas e percepções das mulheres que moram nesses locais de conflito e sofrem diferentes formas de violações de direitos.

Os objetivos desta publicação são ao menos dois: aproximar leitoras e leitores dessa experiência que mobilizou mulheres com perspectivas, vidas e saberes tão distintos, mas que olham para a mesma questão – a luta pela garantia de direitos; e estimular outras mulheres, que passam por situações semelhantes, a se mobilizarem, a difundirem criticamente suas vivências e se juntarem para reverter opressões.

O nosso esforço é o de tentar descrever como foi a elaboração da autocartografia, a dinâmica das oficinas, os conteúdos expostos, as falas, os principais conflitos, a dor e a violência que resultam dessa forma de produção das cidades, que tem eliminado o interesse público para dar lugar aos interesses privados de grupos econômicos.

Vale ressaltar o quanto é desafiador abarcar sentimentos, reflexões e narrativas, expostas durante as atividades da autocartografia, de pessoas de diferentes espacialidades e visões de mundo, mas que se indignam pelas mesmas questões. Há o olhar daquelas que vivem nas favelas e sofrem no corpo e na alma as marcas da violência institucional. E há o olhar daquelas que não moram em favelas, mas que também se deparam com a violência institucional no cotidiano ou como pesquisadoras e militantes defensoras dos direitos humanos. São perspectivas que se cruzam e se complementam para dar força à mobilização contra a violência que se expressa muitas vezes tragicamente nos territórios, sobre as nossas vidas e na vida de tantas outras mulheres.

Uma boa leitura e que ela possa suscitar boas reflexões, novas lutas e muitas vitórias!

# EXPERIÊNCIAS NARRADAS, TERRITÓRIOS EM DISPUTA



AS CARTOGRAFIAS SOCIAIS E O QUE FOI SE CONFIGURANDO COMO “MAPEAMENTO PARTICIPATIVO”, OU SEJA, “AQUELE QUE RECONHECE O CONHECIMENTO ESPACIAL E AMBIENTAL DE POPULAÇÕES LOCAIS E OS INSERE EM MODELOS MAIS CONVENCIONAIS DE CONHECIMENTO”<sup>1</sup> TÊM SE MULTIPLICADO DESDE A DÉCADA DE 90 EM DIVERSAS LOCALIDADES DO MUNDO, INCLUINDO O BRASIL.<sup>2</sup> MUITO DO QUE NOS MOVEU E NOS INSPIROU NA PRODUÇÃO DESSA CARTOGRAFIA COMO *TÉCNICA COMPLEMENTAR DE EMPODERAMENTO E AÇÃO POLÍTICA* NAS REGIÕES DE MANGUINHOS E CAJU, PARTE DESSAS EXPERIÊNCIAS E DE SUAS METODOLOGIAS.

- 1. Ver Cartografias sociais e território de Henri Acselrad e Luís Coli, publicado em 2008.*
- 2. Em nosso país, as experiências mais relevantes desses processos estão na região amazônica, junto ao Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA). A Fundação Viver Produzir e Preservar (FVPP) que surgiu do MPST - Movimento Pela Sobrevivência da Transamazônica, atuou com afinco na região no início dos anos 2000 e também realizou processos de mapeamento como forma de empoderamento de moradores ribeirinhos e a beira da rodovia.*

Dentro desse contexto, portanto, consideramos que as cartografias devem ser, como já o fizeram outros projetos, reapropriadas. Com esse objetivo, desde o princípio a ação buscou reunir o debate acadêmico sobre o tema “impactos do desenvolvimento e da violência institucional na vida das mulheres”, de maneira a não o sobrepor ao relato e as experiências cotidianas de violências e constrangimentos vividos pelas autoras. Antes de iniciarmos o processo das oficinas, houve um grande debate sobre o tema que reuniu elementos para a produção da proposta, que seria construída coletivamente, durante as seis oficinas com as mulheres de Manguinhos e do Caju. É importante ressaltar que fomos construindo a cada oficina as etapas das próximas e isso só pode ser feito porque houve um engajamento das mulheres dos dois locais na construção do instrumento aqui apresentando. A ideia que orienta essa publicação é que ela seja fruto de uma relação social específica entre os técnicos, apoiadores, pesquisadores, integrantes da equipe da FASE e as mulheres de Caju e Manguinhos.

A proposta de reunir bairros que possuem proximidade geográfica, mas experiências distintas foi revelando aproximações e também discordân-



cias, como veremos ao longo das páginas. É importante destacar, todavia, que esse ambiente de debate e de dissenso proporcionou trocas, reconhecimentos, interações e aproximações que foram relevantes para estas mulheres enxergarem a si mesmas como parte de um mesmo grupo: moradoras de favelas, habitantes da cidade do Rio de Janeiro que sofrem violência institucional em seu cotidiano. Não temos pretensões de construir uma macronarrativa histórica ou mesmo um instrumento que demonstre controle do território relatado. Ao fecharmos juntas o formato e o conteúdo dessa publicação ficou evidente o quão específico tinha se tornado o material produzido durante os seis meses do ano de 2014, sob papéis pardos, com canetas coloridas, criou-se a matéria de uma memória. O debate sobre o desenvolvimento urbano, as violências e os “impactos” na vida cotidiana das autoras desse mapa é expresso a partir dos seus percursos, falas, afetos e lágrimas; compondo um material que consideram capaz de promover uma disputa sobre a representação do seu espaço de convivência e moradia.

A insurgência que se expressa na disputa pela narrativa de seus territórios, vivida com empenho pelas autoras desta cartografia, mostrou-se uma forma de narrar a reação, em especial dessas mu-

lheres, às violências sofridas, para além de uma noção de que elas seriam somente vítimas desses processos. Pelo contrário, empenharam-se em manifestar seu descontentamento com a narrativa que está por trás da história oficial do seu local de moradia, não raro contada por quem não vive ali. A cartografia não é hegemônica e nem homogênea, também não tem pretensões de totalizar uma contra-história oficial para a região.

Desde o princípio elas sabiam que quando construíram os mapas eram as suas experiências particulares (mas não menos coletivas) que iriam narrar aquele espaço, e isso inicialmente lhes trouxe estranhamento e hesitação, mas depois culminou em uma progressiva apropriação do processo e também do produto dele: os mapas.

Cartografar os cotidianos, os percursos que resistem e constroem especificidades aos moradores que tecem o “ir em frente” após perdas tão duras, - da casa, mas principalmente dos familiares - é uma tentativa de colocar no espaço a experiência de viver nesses locais. Apresentá-la como narrativa contra hegemônica, e principalmente como uma disputa constante na legitimação da experiência dessas mulheres na cidade.



# OS TERRITÓRIOS CARTOGRAFADOS

## MANGUINHOS

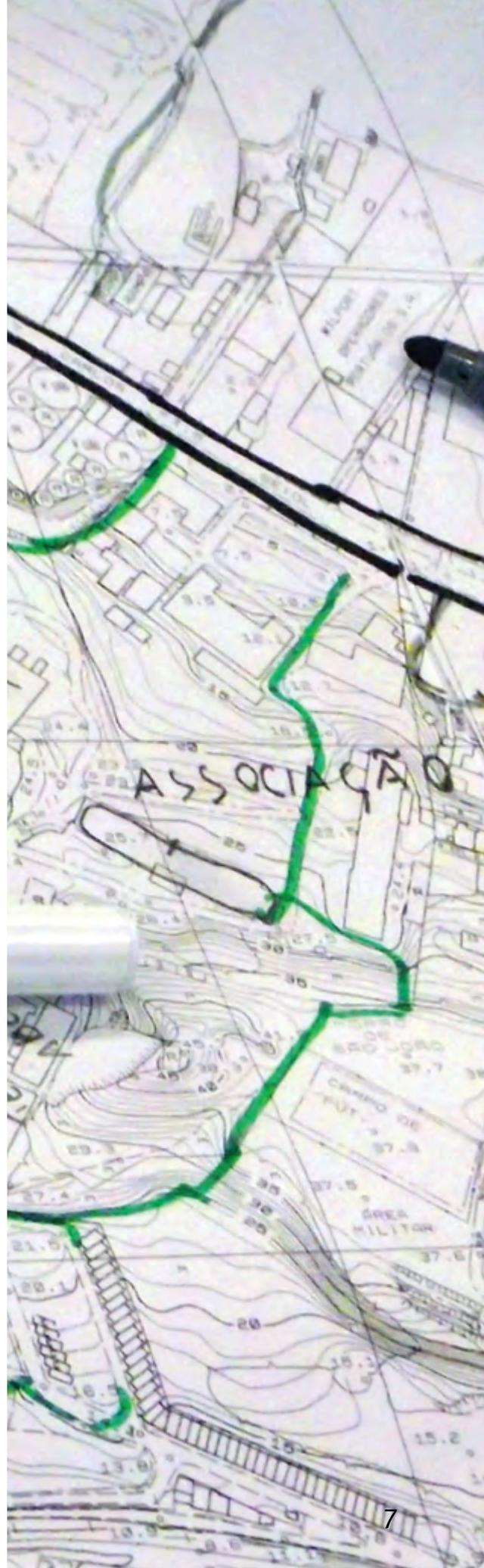
Localizado na Zona Norte da cidade, o bairro tem início no ano de 1900. Hoje é considerado um complexo de favelas e possui mais de 50.000 habitantes. Seu território faz limite com os bairros de Higienópolis, Bonsucesso, Benfica e o Conjunto de Favelas da Maré. Situado entre linhas de trens, rios e importantes vias da cidade, a região onde Manguinhos fica situado passou por uma grande desindustrialização após os anos 80 e possui dezenas de comunidades em seu território. Muitas moradias foram construídas junto aos terrenos desocupados pela empresas, bem como no entorno dos rios e córregos que cortam a região. Desde a instalação da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) em outubro de 2013, Manguinhos já teve sei execuções de moradores realizadas por policiais dessa unidade (Mateus Oliveira Casé, Paulo Roberto Pinho de Menezes, José Joaquim de Santana, Johnatha de Oliveira Lima, Christian Soares Andrade e Afonso Maurício Linhares). A relação estabelecida com as moradoras foi intermediada pelo Fórum Social de Manguinhos<sup>3</sup> e a Organização Mulheres de Atitude.

3. <https://www.facebook.com/forumsocialdemanguinhos>

AQUI FAZEMOS UMA BREVE APROXIMAÇÃO DOS TERRITÓRIOS DE MANGUINHOS E CAJU PARA AQUELAS E AQUELES QUE NÃO CONHECEM ESSES LUGARES. REUNIMOS ALGUMAS INFORMAÇÕES HISTÓRICAS DE FORMAÇÃO DOS BAIRROS, SUA TRAJETÓRIA DE TRANSFORMAÇÃO E OS IMPACTOS DELA PARA AS MORADORAS. OS ITENS DESTACADOS JÁ SINALIZAM PARA AQUILO QUE FOI DESENHADO NO MAPA E FALADO DURANTE AS OFICINAS.

## CAJU

Localizado na região Central da cidade, o bairro faz limite com os bairros de São Cristóvão, Benfica, Maré, Santo Cristo e Barreira do Vasco, e conta com pouco mais de 20 mil habitantes. O local é lembrado na história oficial da cidade por possuir prédios da época imperial, porém não é considerado um bairro histórico. O bairro se tornou um local de despejo de lixo desde a primeira metade do século XIX, possui atividades industriais altamente poluentes e também extensa área portuária, com amplos pátios para guarda de contêineres. Dentre as violações mais graves, no Caju ocorre intensa contaminação do solo por conta do chorume proveniente dos depósitos de lixo e dos 6 cemitérios existentes na região - verticais, horizontais, forno crematório - além da intensa poluição do ar. Nos primeiros 6 meses de 2013 o Caju só teve 7 dias de ar considerado bom, pelo Projeto MonitorAr-Rio. A relação com as moradoras se estabeleceu através do coletivo Carcará e também da Associação de Moradores Vila dos Sonhos e Terra Abençoada, que ocupa o antigo hospital São Sebastião de infectologia.



# AUTOCARTOGRAFIA

O PROCESSO DE AUTOCARTOGRAFIA TEVE INÍCIO EM ABRIL DE 2014 COM UM DEBATE TEÓRICO SOBRE OS CONCEITOS DE VIOLÊNCIA, MULHERES E CIDADE, O QUE FOI FUNDAMENTAL PARA ORIENTAR O INÍCIO E O DESENVOLVIMENTO DAS OFICINAS. NO ENCONTRO SEGUINTE, EM JUNHO DE 2014, FIZEMOS A PRIMEIRA OFICINA, COM O INTUITO DE APRESENTAR A PERSPECTIVA METODOLÓGICA DA AÇÃO E APROXIMAR AS MULHERES DOS TERRITÓRIOS ENVOLVIDOS.



Em julho deste ano iniciamos uma rodada de relatos autobiográficos, compartilhando as vivências e os conflitos existentes em cada localidade, além de começar o trabalho de autcartografia em papel pardo, demarcando situações e processos relevantes. Esta atividade resultou na construção de dois mapas autorais que foram debatidos e problematizados no encontro em agosto de 2014. No encontro seguinte, em outubro de 2014, as marcações e os ícones construídos na autcartografia foram transpostos para plantas adquiridas no Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (IPP) que foram coladas uma na outra, evidenciando a proximidade geográfica das duas favelas, pela primeira vez visualizadas em um mapa único. As duas últimas oficinas de 2014, que ocorreram em novembro, foram espaços

de reflexão sobre os eixos temáticos que orientaram as oficinas - mulher, cidade, violência, desenvolvimento urbano. Também foram nelas que avaliamos as atividades ocorridas durante o ano e pactuamos sobre as informações e dados que fariam parte desta publicação. Nesse mês também realizamos o segundo debate ampliado da ação, que teve a participação de pesquisadoras, militantes e das mulheres de Caju e Manguinhos, criando assim um rico espaço de troca sobre os principais temas debatidos nas oficinas.

Os temas e assuntos mais relevantes e os pontos mais valorizados nesta construção coletiva estão retratados nos relatos que seguem, fruto de um processo coletivo de reconhecimento e autopercepção de suas vivências individuais e coletivas.



### 1ª OFICINA

## O QUE É VIVER COM A “PACIFICAÇÃO” NO CAJU E EM MANGUINHOS?

- Debate pontuado por algumas reflexões propostas pela equipe, após assistirmos trechos dos filmes *Narradores de Javé* e também do filme *Janela da Alma*.
- Foi montado um varal com fotos das comunidades de Caju, Providência e Manguinhos, expressando “descaso”, “degradação”, remoções nos territórios pacificados.

### 2ª OFICINA

## O QUE É VIVER COM A PACIFICAÇÃO NO CAJU E EM MANGUINHOS?

- Relatos mostraram proximidades e distanciamentos em relação a experiência de vida e aos impactos da militarização das favelas. Por exemplo, a relação das mulheres do Caju com a UPP dessa localidade era considerada boa, enquanto que a relação das mulheres que moravam em Manguinhos com a UPP era péssima: elas repudiavam a atuação violenta da polícia com os moradores e moradoras, atuação que gera execuções de jovens.

## APRESENTAÇÃO DAS AUTOCARTOGRAFIAS

- Nesse dia iniciamos, portanto, o primeiro esboço de autcartografia. Foram entregues folhas grandes de papel pardo (Kraft) para cada um dos 2 grupos - um composto por moradoras de Manguinhos e outro por moradoras do Caju. Cada folha foi apoiada em uma grande mesa para que todas pudessem colaborar com o desenho ao mesmo tempo que debatiam sobre as referências que produziam: em marcações, ícones, cores, e traçados diferentes. Tendo como suporte o papel as moradoras iniciaram os desenhos a partir das suas vivências cotidianas nos territórios e suas representações do espaço.
- Na região do Caju houve um grande desafio em ultrapassar a narrativa histórica-oficial, que era perseguida por algumas integrantes do grupo como estratégia de valorização do passado “mais nobre” do Bairro, no princípio do Império. O Caju era considerado um lugar “esquecido”, “abandonado”, que tinha virado um “depósito de entulho”. Bairro que só era conhecido quando alguém morria, fazendo alusão aos cemitérios existentes no Caju.
- Houve momentos de solidariedade às duas mulheres de Manguinhos que perderam seus jovens filhos, executados por policiais da UPP. A brutalidade expressa nos relatos das mães reforçou o elo entre as mulheres dos dois territórios, e também entre a equipe, promovendo um processo de auto reconhecimento e fortalecimento nas narrativas que seriam produzidas a partir da construção dos mapas.



#### 4ª OFICINA

### DISPUTAS – FAZENDO DO VIVIDO UMA NARRATIVA OFICIAL?

- Consolidação da cartografia enquanto disputa e como uma das possibilidades de expressão da resistência.
- O objetivo na produção desse novo mapa era promover uma disputa por território a partir do próprio suporte no qual ele é “oficialmente” construído: os mapas oficiais da cidade do Rio de Janeiro.
- Os percursos regulares dos moradores foram, portanto apresentados e redesenhados, e com isso diferentes dimensões da violência institucional foram explicitadas e posteriormente questionadas pelas moradoras: a dimensão do “descaso” com a moradia, da presença da violência policial, da condição particular de ser mulher na cidade, da dificuldade de acesso aos direitos civis amplos.

- O tempo foi algo debatido diversas vezes - “a fábrica de cigarro é a cidade da polícia, o quartel é o DESUP”, sempre algo que é, era narrado como algo que foi, mostrando a dinâmica da região e também as referências que os moradores tinham com esses espaços e empresas até a atualidade.
- As referências já apontadas na autcartografia, foram sendo “achadas” na base oficial e repensadas na forma de ícones e legendas: “a igreja vai ser azul ou a igreja vai ser verde” se perguntavam. A definição das legendas e organização das classificações de instituições, espaços de sociabilidade e espaços de conflito foram fundamentais para construção da narrativa do mapa, que reunia: escolas de samba, igrejas, praças, pontos de encontro, pontos de conflito armado, pontos de emboscada da polícia, e também pontos pretos onde alguns moradores foram mortos pela polícia, no caso do mapa elaborado pelas moradoras de Manguinhos.

#### 5ª E 6ª OFICINAS

### ACORDOS PARA A PUBLICAÇÃO DA CARTOGRAFIA



# NARRATIVAS E PERCEPÇÕES CRUZADAS

## SENSAÇÃO DE ABANDONO

“ NÓS SOMOS MORADORAS DA VILA DOS SONHOS. A VILA DOS SONHOS TEM DOIS ANOS. É NO ANTIGO HOSPITAL SÃO SEBASTIÃO, QUE ERA UM HOSPITAL DE INFECTOLOGIA, ENTÃO ELE FOI DESATIVADO E VIROU MORADIA. APESAR DO PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO TER BRIGADO MUITO POR ESSE ESPAÇO, PARA QUE ELE NÃO VIRASSE MORADIA, POR QUE O HOSPITAL ERA MUITO BOM, NÃO TEVE JEITO, VIROU MORADIA ”

“ EU COSTUMO DIZER QUE O CAJU É RICO. É POBRE POR QUE ESTÁ EM ABANDONO, MAS É MUITO RICO. TEM DE UM TUDO NO CAJU, TUDO QUE VOCÊ POSSA IMAGINAR. SÓ QUE NADA FUNCIONA. TEM UMA ÓTIMA ÁREA DE LAZER, MAS ESTÁ LÁ, EM TOTAL ABANDONO ”

## A VITRINE DO GOVERNO

“ OS PROJETOS NÃO SE VOLTAM PARA TODO CAJU, AS REUNIÕES ACONTECEM DIA DE SEMANA PELA MANHÃ E NADA SAI DO PAPEL. OS PROJETOS DEBATIDOS PELOS QUE PARTICIPAM DAS REUNIÕES, NÃO SÃO PARA TODO O CAJU – FICAM ISOLADOS NA ÁREA DA VILA OLÍMPICA E NÃO ENTRAM NA COMUNIDADE ”

“ POR QUE É QUE ESSES PROJETOS NÃO SÃO COLOCADOS AQUI, NO CENTRO DA NOSSA COMUNIDADE? AS CRIANÇAS BRINCAM NOS BECOS, NÃO TEM UMA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, NÃO TEM NADA. A ÚNICA COISA QUE TEM É ESSE CAMPO DE FUTEBOL, ONDE GERALMENTE ESTÃO AS CRIANÇAS, OS JOVENS, E É, TAMBÉM, ONDE ACONTECESSEM OS CONFRONTOS ”

“ CADÊ OS PROJETOS? POR QUE É QUE ESSES PROJETOS NÃO SÃO TRAZIDOS PARA CÁ? AQUI PARA O MEIO, ONDE ACONTECESSEM OS CONFRONTOS? OS PROJETOS FICAM AQUI, PRÓXIMOS A AVENIDA SUBURBANA, ONDE PRATICAMENTE É A VITRINE DO GOVERNO. VÁRIAS COISAS ACONTECEM AQUI EM MANGUINHOS QUE QUEM ESTÁ FORA DESSA VITRINE NÃO SABE, POR QUE NÃO É DIVULGADO ”

“ NÃO É INTERESSE DO GOVERNO QUE A FAVELA TENHA MEMÓRIA ”

“ AS AUTORIDADES DESLEGITIMAM O CONHECIMENTO DE QUEM É MORADOR ”

“ COMO MORADORA EU VIM A TER CONHECIMENTO DA HISTÓRIA DO BAIRRO NA FACULDADE, OS JOVENS DO BAIRRO NÃO CONHECEM A HISTÓRIA DELE. E COMO É UM BAIRRO FORMADO POR FAVELAS NÃO TEM INTERESSE PÚBLICO NENHUM EM INVESTIR NISSO, NO HISTÓRICO DO BAIRRO ”

“ AS OBRAS VEM, MAS ELAS NÃO MODIFICAM A QUALIDADE DE VIDA DOS MORADORES ”

## MULHERES

“ AS MULHERES SÃO MAIS CORAJOSAS, NÃO SA-BEM FICAR CALADAS. OS HOMENS SÃO FROUXOS, QUER SER CALMO NA RUA E BRIGAR EM CASA ”

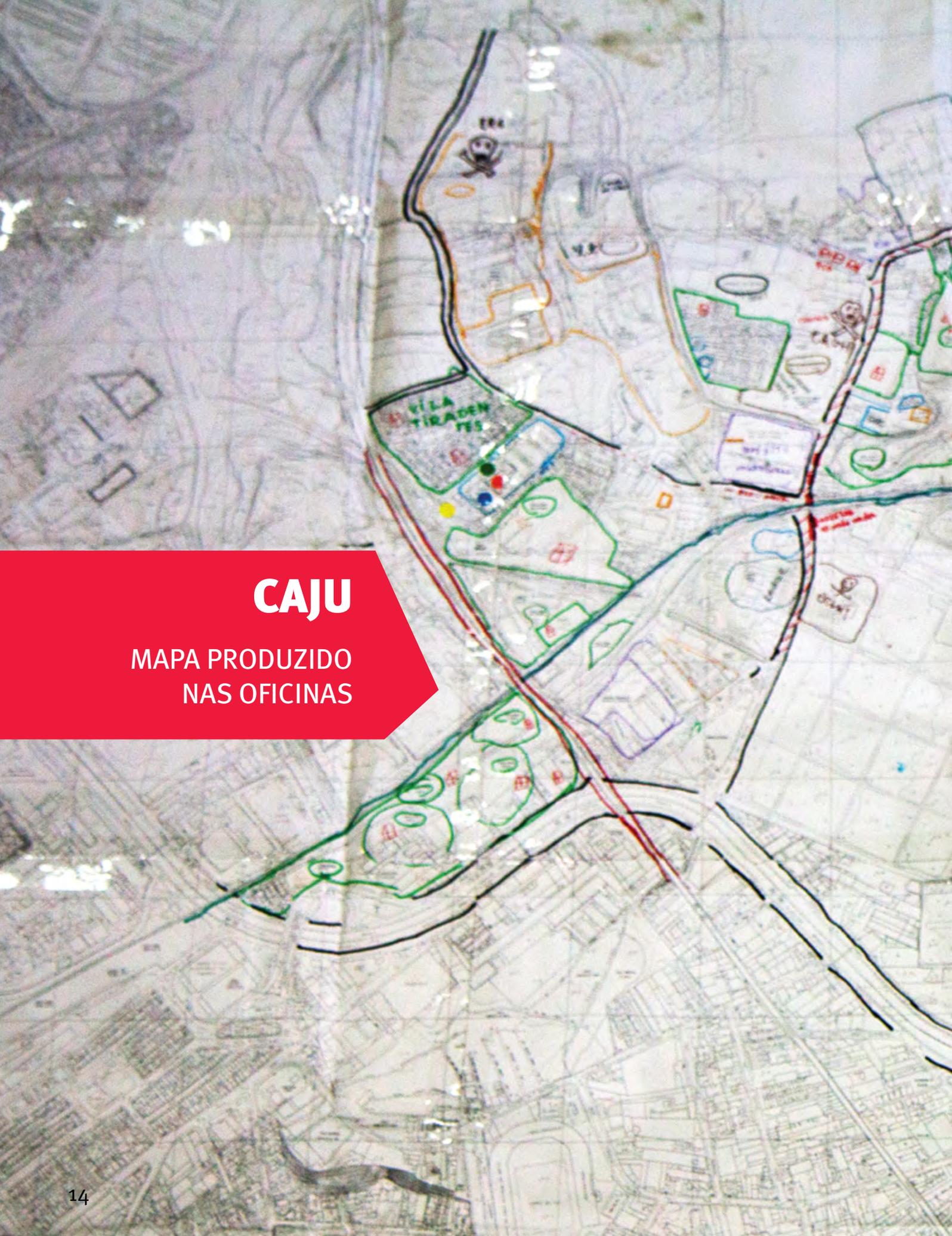
“ A INSEGURANÇA MAIOR COM A UPP É SOBRE A ABORDAGEM COM AS MULHERES ”

## INSEGURANÇA

“ A LEOPOLDO BULHÕES É CAMINHO PARA MUITA GENTE IR PARA CIDADE. O CAJU TEM A BRASIL, É CAMINHO. A MARÉ É CAMINHO. ELES PRECISAM DIZER PARA QUEM NÃO MORA EM COMUNIDADE, PARA QUEM VEM PARA OS MEGAEVENTOS QUE A FAVELA ESTÁ CONTROLADA, PRECISAM ESTAR CONTROLADAS ”

“ AS FACÇÕES RIVALS IMPEDEM A CIRCULAÇÃO DOS MORADORES ”

“ QUERIAM LEVAR OS MORADORES PARA TRIAGEM. MEU MARIDO DISSE ‘ISSO NÃO VAI DAR CERTO, POR QUE O MORADOR NÃO VAI SE SENTIR SEGURO’ ”

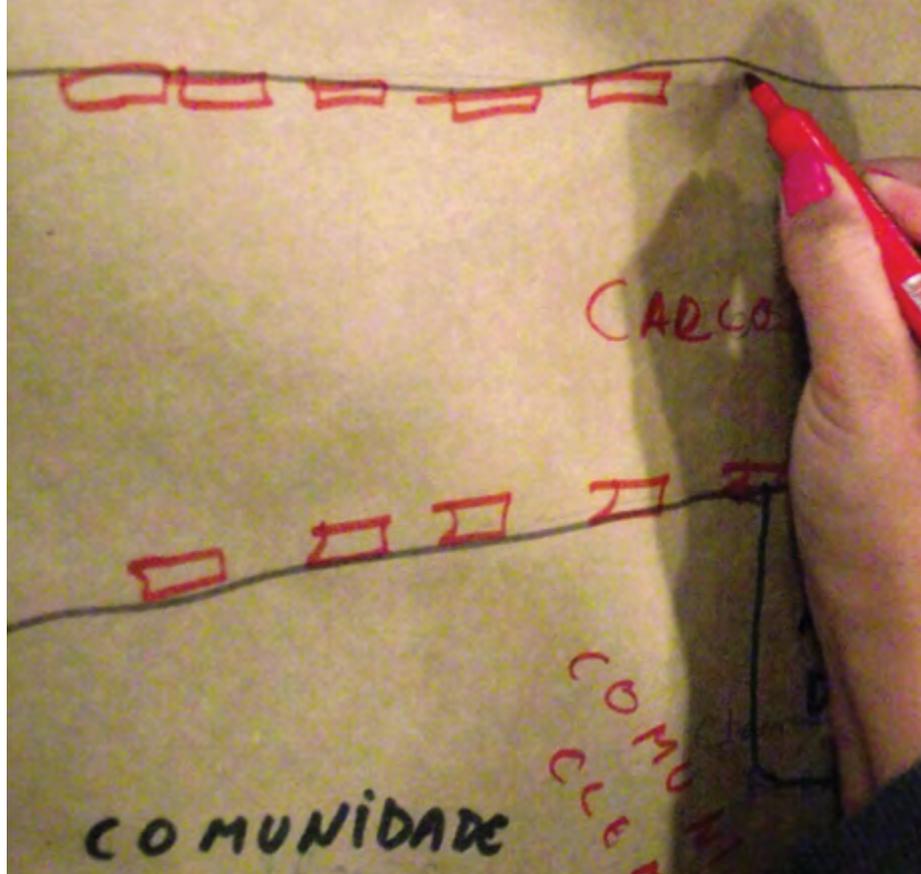


# CAJU

MAPA PRODUZIDO  
NAS OFICINAS



# NARRATIVAS E PERCEPÇÕES ESPECÍFICAS CAJU



“A VILA DOS SONHOS, A TERRA ABENÇOADA, O CAJU INTEIRO, O BAIRRO TODO É ABANDONADO”

## DEPÓSITO DE CARRETAS E DE CONTÊINERES

“AS CARRETAS LÁ SÃO UM PROBLEMA SÉRIO. POR QUE A RUA É ENORME, BEM LARGA, SÓ QUE FICA MUITA GENTE NA RUA. SE EU SAIR DA VILA DOS SONHOS DE CARRO O RISCO DE SOFRER UM ACIDENTE É GRANDE, POR QUE AS CARRETAS ESTÃO TAMPANDO A VISÃO DE QUEM ESTÁ ENTRANDO NA RUA. AS PESSOAS TÊM QUE ANDAR NA RUA POR QUE ELAS (AS CARRETAS) SOBEM NAS CALÇADAS, E QUANDO NÃO É CARRETA, É CONTÊINER”

“O QUE MAIS TEM NO CAJU É SUJEIRA”



“ O PROBLEMA DO LIXO QUE ENCALHA NO CAJU É QUE ELE VEM DOS DEMAIS CANAIS DAS FAVELAS PRÓXIMAS DA BAÍA DE GUANABARA E FICA REPRESADO ”

“ VOCÊ SABE QUE CHEGOU NO CAJU PELO CHEIRO ”

## PROMESSAS

“ O GOVERNO DO ESTADO ESTEVE LÁ, DESTRUIU AS CASAS DAS PESSOAS QUE TINHAM CONSTRUÍDO, GASTARAM MUITO DINHEIRO NESSAS CASAS, E DEIXARAM A PROMESSA DE CONSTRUÍREM NESTE MESMO LOCAL, QUE É ENORME. CASAS E MORADIAS DO MINHA CASA MINHA VIDA. HÁ DOIS ANOS. ATÉ HOJE ISSO NÃO SAIU. AGORA O GOVERNO APARECEU DIZENDO QUE IA FAZER NA PARTE DE BAIXO UMA FAETEC E UMA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO. ACONTECE QUE A PARTE DE BAIXO É A PARTE MAIS INTERESSADA AO GOVERNO, PORQUE A PARTE DE BAIXO ESTÁ NA RUA, NA BEIRA DA PISTA ”

## UPP

“A UPP AGE NO SAPATINHO, NÃO MATA, VAI PRESO. TEM POLICIAIS ABUSADOS SIM, SINCERAMENTE EU NÃO CONFIO NA POLÍCIA”

“NA CHEGADA DA FACULDADE CANSEI DE PEGAR TIROTEIO, RUA BLOQUEADA E ISSO MELHOROU, ACABOU”

“ELES CHEGAM DE QUALQUER JEITO E É RUIM MESMO”

“PERMANECE O TRÁFICO, SEM ARMAMENTO”

“A MILITARIZAÇÃO EU NÃO VOU GENERALIZAR PORQUE SEI O QUE ACONTECE, MAS EU PARTICULARMENTE NÃO TENHO O QUE RECLAMAR”

“NASCI EM SÃO JOÃO DE MERITI E DEPOIS MEUS PAIS FORAM PARA SÃO CRISTÓVÃO E DE LÁ FORAM PARA O CAJU, PARA MORAR EM UNS BARRACOS. COMO ERA A ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO DA LINHA VERMELHA, FICARAM MUITO POUCO NOS BARRACOS, E POR CAUSA DA OBRA RECEBERAM UMA CASA NESSA VILA TIRADENTES QUE É ONDE ELES MORAM ATÉ HOJE, ONDE ANTES FUNCIONAVA UM DEPÓSITO DE CARROS USADOS DO DETRAN. ESSA REMOÇÃO NÃO FOI RUIM, POIS MORAVAM EM BECOS E VIELAS SEM LUZ, NEM ÁGUA, E FORAM PARA UMA CASA QUE TINHA POSSIBILIDADE DE CONSTRUIR, TINHA VARANDA. HOJE MEUS PAIS TEM UMA CASA MAIOR E, ENTÃO, A REMOÇÃO PARA ELES VEIO DE UM LADO FAVORÁVEL, E EM RELAÇÃO A MORADIA NESSE ESPAÇO, COM A UPP, FOI POSITIVO”

“A “MAJOR” ESTÁ SEMPRE TENTANDO AJUDAR A COMUNIDADE”

“NA COMUNIDADE, O QUE ATRAPALHA O TRABALHO DA UPP É VIR POLÍCIAS DE FORA, POLÍCIAIS ABUSADOS QUE NÃO CONHECEM OS MORADORES”

“ENTÃO A GENTE TEM UPP,  
MAS NÃO TEM ESTADO,  
LÁ O ESTADO NÃO SE FAZ  
PRESENTE”

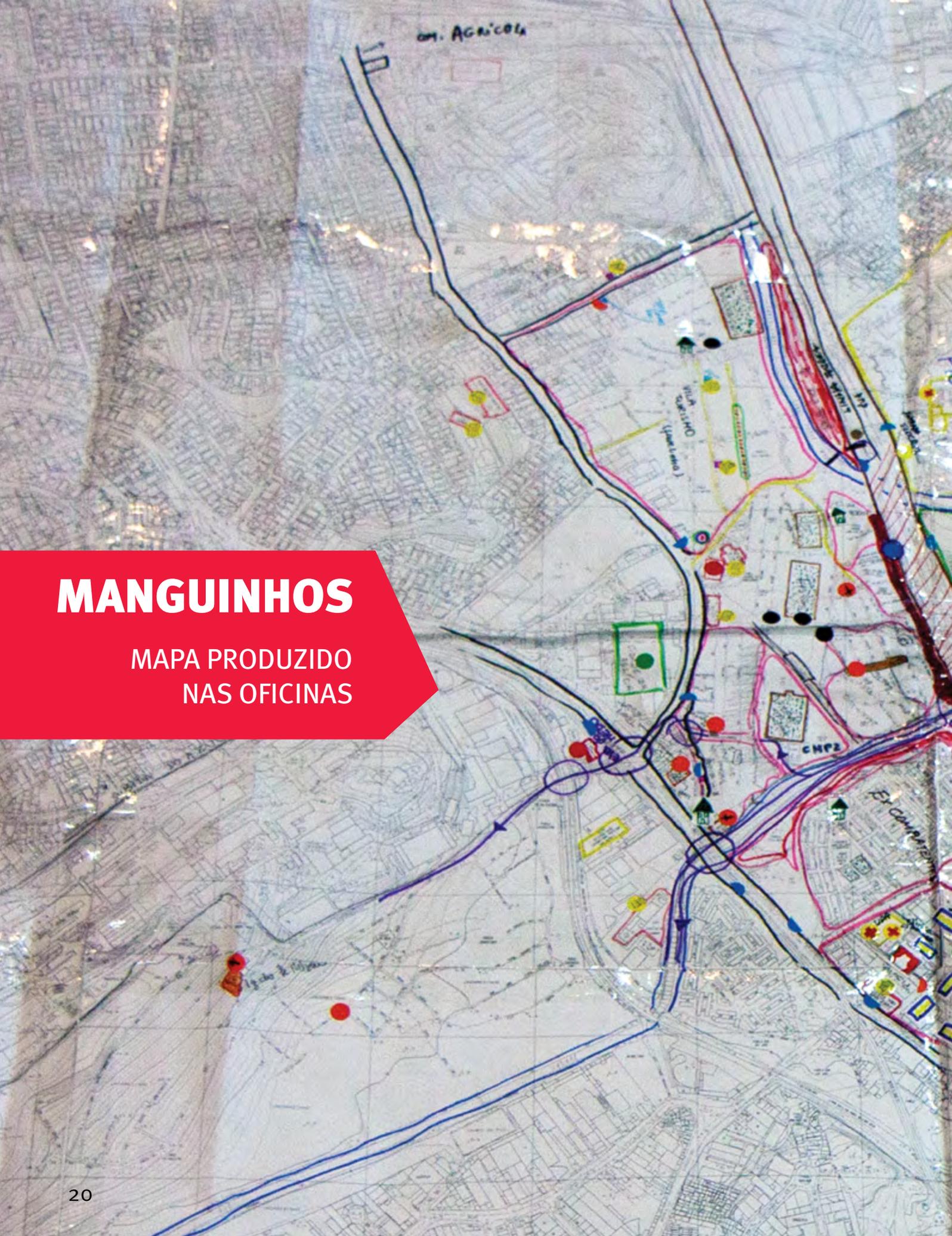
“ENTÃO A VILA DOS SONHOS HOJE É UMA COMUNIDADE QUE ELA NÃO EXISTE NO MAPA, ELA NÃO EXISTE. SE VOCÊ FOR LÁ VER VOCÊ VÊ QUE EXISTE, SENÃO VOCÊ NÃO SABE QUE EXISTE. RECENTEMENTE A GENTE ESTEVE COM A CEDAE EM UMA REUNIÃO E ELA DISSE QUE A GENTE NÃO EXISTE, ENTÃO SE NÃO EXISTE O QUE EU ESTOU FAZENDO AQUI?”

“DIFERENTE LÁ DE MANGUINHOS E FOI ÓTIMO, NA REUNIÃO A GENTE DISCUTIU MAIS SOBRE ISSO, A RELAÇÃO LÁ COM A UPP LÁ EM MANGUINHOS É UMA, A RELAÇÃO NOSSA NO BAIRRO COM A UPP JÁ É OUTRA, BEM DIFERENTE”

“A GENTE TEM UMA REALIDADE DIFERENTE COM RELAÇÃO À UPP. MAS MESMO ASSIM, VENDO ESSES CASOS, EU NÃO CONFIO”

“DIALOGO ATÉ EXISTE MAS NÃO EXISTE ENTENDIMENTO DE UMA PARTE E DA OUTRA”

“ATÉ O PRESENTE MOMENTO A UPP NÃO GEROU PROBLEMA. MAS A 500m DE UMA BASE DA UPP TEVE UM BAR QUE FOI ASSALTADO, COM DONOS E FUNCIONÁRIOS PRESOS DENTRO DE UM FRIGOBAR”

An aerial photograph of a coastal urban area, Mangueiros, with a grid of streets and a river. The map is overlaid with hand-drawn lines in various colors: blue, pink, yellow, green, and purple. These lines trace paths through the urban layout, possibly representing infrastructure or service routes. Several colored dots (red, yellow, green, blue) are placed at specific locations on the map. Labels in Portuguese are visible, including 'M. AGRICOLA' at the top, 'CHPZ' in the middle-right, and 'ET CAMPESINOS' at the bottom-right. A red banner is positioned on the left side of the image.

# MANGUEINHOS

MAPA PRODUZIDO  
NAS OFICINAS



# NARRATIVAS E PERCEPÇÕES CRUZADAS MANGUINHOS

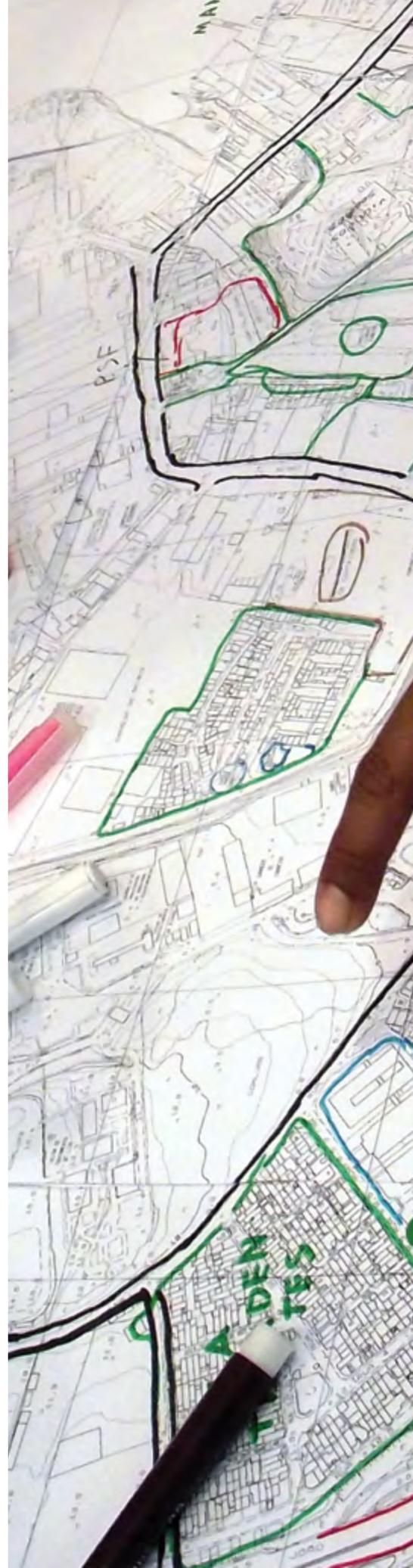
“ HÁ CASO DE FORJAREM DROGAS EM JOVENS DA COMUNIDADE, HÁ CASO AMEAÇA DE ESTUPRO DE MENINAS EM MANGUINHOS, OS POLICIAIS MEXEM COM AS MENINAS E QUANDO RECLAMAMOS, O CAPITÃO DA UPP DISSE: ‘ENGRAÇADO, QUANDO ERA BANDIDO, MEXIA, NINGUÉM FALAVA NADA’ ”

“ OS POLICIAIS DA UPP MATAM, ROUBAM, ESCULACHAM O MORADOR... POR ISSO A IMPORTÂNCIA DE SE MANIFESTAR, PRA DIVULGAR AS VIOLAÇÕES.

SE A GENTE NÃO SAI PRA RUA, É MAIS UM CORPO ESTENDIDO NO CHÃO, POR QUE A MÍDIA NÃO VEM. NÃO SÃO OS POLICIAIS NOVOS OU ANTIGOS QUE GERAM PROBLEMAS. OS POLICIAIS SÃO TREINADOS PARA AGIR DESSE FORMA. MUITOS ACREDITARAM QUE A VIDA MELHORARIA COM UPP ”

“ ALI NA AVENIDA DOS DEMOCRÁTICOS É A ESQUINA DO MEDO, NA LEOPOLDO BULHÕES É A FAIXA DE GAZA. AS RUAS QUE ANTES ERAM FECHADAS PELOS CONFRONTOS ENTRE TRAFICANTES E POLICIAIS AGORA SÃO FECHADAS PARA PROTESTAR CONTRA OS ABUSOS POLICIAIS ”

“ NOSSOS FILHOS NÃO TEM LIBERDADE DE CIRCULAR ”





“ QUEM ESTÁ ARMADO LÁ DENTRO SÃO OS POLICIAIS, A UPP, AQUELES QUE ELES COLOCARAM LÁ PRA NOS DEFENDER, PRA DAR SEGURANÇA ”

“ QUEM BATIZOU DE FAIXA DE GAZA FOI O GAROTINHO, QUANDO COMPROU OS CAVEIRÕES, POIS TINHA CAVEIRÃO NA LEOPOLDO BULHÕES TODO DIA. O CAVEIRÃO PARAVA AQUI E VINHA DANDO TIRO PRA DENTRO ”

“ HOJE EM DIA ESSAS VIAS SÃO FECHADAS POR QUEM? POR NÓS, MORADORES, DESESPERADOS. POR QUE A GENTE FECHA NO INTUITO DE FAZER PROTESTOS, CHAMAR ATENÇÃO. EU NÃO ESTOU SENDO HIPÓCRITA, EU NÃO VEJO BANDIDO ARMADO ”

“ PORQUE A INTERVENÇÃO DO GOVERNO NA COMUNIDADE SÓ TEM FEITO MUITO MAL PARA MIM E PARA MINHA FAMÍLIA, DESDE QUE COMEÇARAM AS REMOÇÕES, EU E MINHA FAMÍLIA TEMOS SOFRIDO MUITO, A GENTE TEM SOFRIDO MUITA PRESSÃO PSICOLÓGICA, TEM RECEBIDO LIGAÇÃO, ‘NÃO VOCÊS TÊM QUE IR EMBORA, VOCÊS TEM QUE VER UM LUGAR PARA FICAR’, E HÁ UNS TRÊS ANOS QUE A GENTE VEM SOFRENDO ESSA PRESSÃO PSICOLÓGICA. E VOCÊ VER OS VIZINHOS INDO EMBORA E NÃO CONSEGUINDO ENCONTRAR UMA NOVA MORADIA, PORQUE DESDE ENTÃO OS PREÇOS DAS CASAS FORAM AUMENTANDO ABSURDAMENTE, E AQUELE DESESPERO, EU MORO, MORAVA EM MANGUINHOS NA MESMA RUA, PORQUE A MINHA AVÓ JÁ VINHA DE UMA REMOÇÃO, NO CAJU ”

“ O CENTRO DE MANGUINHOS É ONDE TEM CAMPO DE FUTEBOL, A LAN HOUSE, ONDE SE CONCENTRAM A MAIORIA DOS JOVENS – POR QUE OS PROJETOS NÃO ESTÃO ONDE ACONTECEM OS CONFRONTOS? OS PROJETOS ESTÃO NA ‘VITRINE DO GOVERNO’ ”

“ E CADÊ ESSA SEGURANÇA, POR QUE A GENTE NÃO TEM, EU NÃO VEJO A PARTIR DO MOMENTO QUE ASSASSINAM PESSOAS INDEFESAS, INOCENTES”

“ SE VOCÊ ANDAR NA RUA DE NOITE, E ELES (OS POLICIAIS) ACHAREM QUE VOCÊ ESTÁ MEXENDO COM ELES, ELES MATAM. ENTÃO A COMUNIDADE TEM QUE SAIR PRA FORA. POR QUE SENÃO QUEM MORA NO CAJU NUNCA IA DESCOBRIR QUE O FILHO DELA, QUE É O JOHNATHA, MORREU, QUE O FILHO DA MINHA SOGRA, QUE É O PAULO ROBERTO, MORREU. SE A GENTE NÃO SAI PRA FORA, A MÍDIA NÃO VEM, É MAIS UM CORPO ESTICADO NO CHÃO ”

“ QUEM BOTAR A CABEÇA DO LADO DE FORA EU VOU DÁ TIRO, DISSE O POLICIAL ÀS 20H DA NOITE ”

“ EU CHAMEI A DEFESA CIVIL NA MINHA CASA E O ENGENHEIRO FALOU “SENHORA, ISSO NÃO CAI NÃO”. EU FALEI “MOÇO, O TREM PASSA EM CIMA NA ESTAÇÃO, SE VOCÊ ESTIVER SENTADO NO VASO DA MINHA CASA, TREME” E ELE “SENHORA, NÃO CAI. TÁ ÓTIMO”. ASSINOU O PAPEL E FOI EMBORA ”

“ COM 20 ANOS JÁ SOFRI REMOÇÃO, JÁ MUDEI 3 VEZES, POR CAUSA DO PAC VOU ME MUDAR A 4ª ”

“ A DEFESA CIVIL QUER QUE A GENTE MORRA ”

## “ MANGUINHOS É FOGO E ÁGUA ”

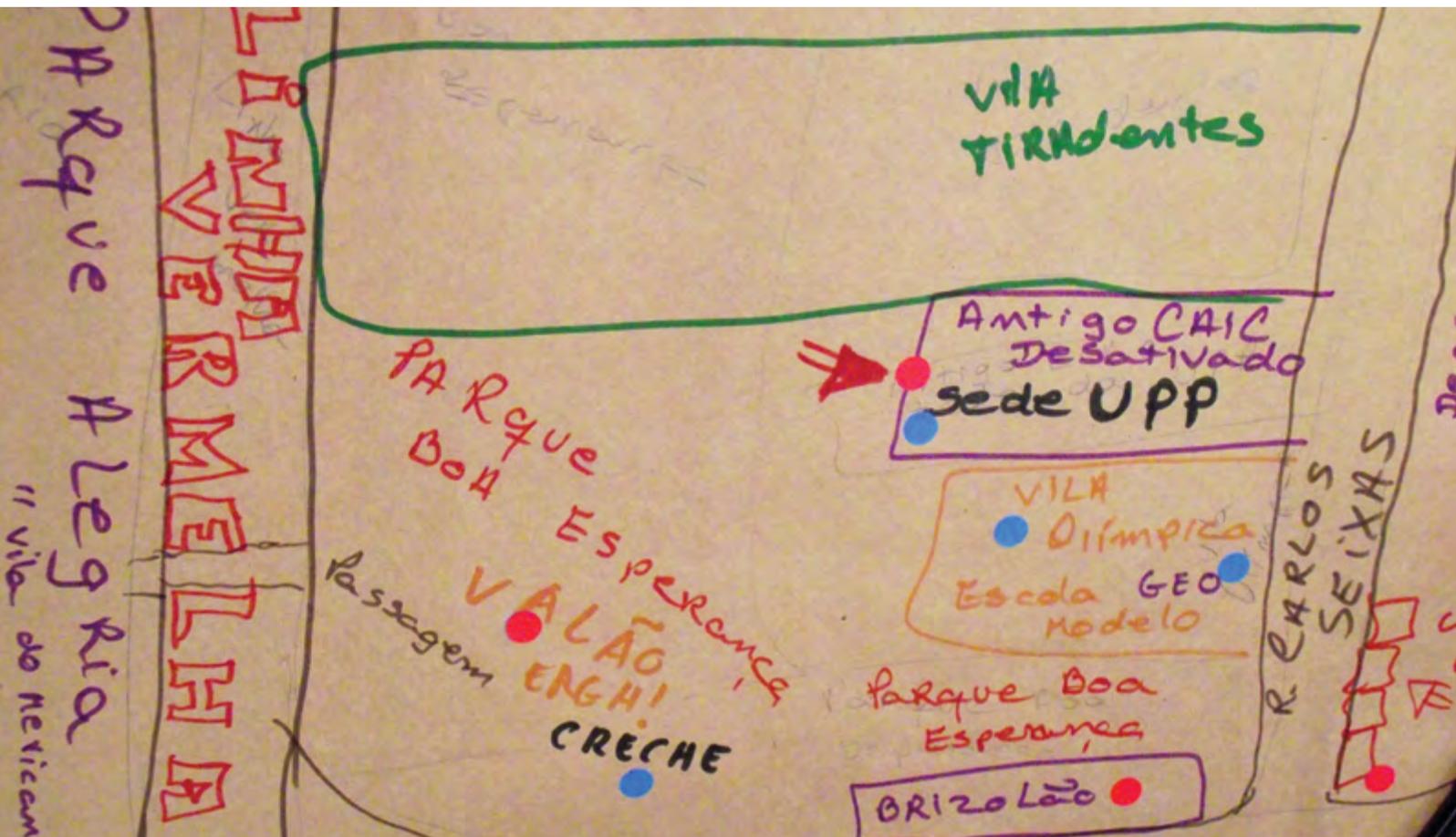
“ ENCHE ATÉ O PESCOÇO ”

“ ELES FIZERAM UMA COBERTURA QUE SIMPLEMENTE SE VIER UMA CHUVA AÍ A ÁGUA NÃO VAI DAR VAZÃO, POR QUE ELA VAI TÁ TAMPADA AQUI EM CIMA E ELA VAI TRANSBORDAR. A GENTE VAI TER QUE APRENDER A NADAR ”

“ E ASSIM, QUAIS SÃO OS NOSSOS REPRESENTANTES, QUAIS SÃO AS PESSOAS QUE TEMOS AQUI PRA GENTE CHEGAR E FAZER RECLAMAÇÃO? SIMPLEMENTE VÃO CHEGAR E VÃO FALAR ASSIM “VOCÊ TEM O CREA? VOCÊ É ENGENHEIRA?” É ISSO QUE VÃO RESPONDER PRA GENTE ”

“ EU MORO EM MANGUINHOS HÁ CINQUENTA ANOS, HOVE VÁRIOS CASOS DE INCÊNDIO. ANTIGAMENTE ERA BARRACO, A GENTE MORAVA NA BEIRA DA LINHA, NA RUA 06, E EM 76 FOI O PRIMEIRO INCÊNDIO QUE HOVE LÁ, FORAM UNS 80 BARRACOS. FOI NO DIA 21 DE DEZEMBRO, VÉSPERA DE NATAL, A GENTE PERDEU TUDO QUE SE POSSA IMAGINAR, E DEPOIS DISSO TEVE AINDA MAIS UNS TRÊS OU QUATRO INCÊNDIOS, POR QUE ERAM TAMBÉM BARRACOS. ATÉ AGORA RECENTE, EM MAIO. É A ÁGUA, ENCHENTE, PEQUEI TANTAS ENCHENTES, QUE OS BARRACOS TINHAM QUE SER DE DOIS ANDARES. É OBRIGATÓRIO SER DE DOIS ANDARES JÁ SE PREVENINDO PRA QUANDO VIESSE A ENCHENTE A GENTE SUBISSE PRA PARTE DE CIMA ”

# INSCRIÇÕES DA VIOLÊNCIA MILITARIZADA EM TERRITÓRIOS E CORPOS



NESTA SEÇÃO SERÃO DESTACADAS AS MARCAÇÕES RELACIONADAS À PRESENÇA ARMADA DE AGENTES DE ESTADO E FORMAS DE OCUPAÇÃO GOVERNAMENTAL MILITARIZADA EM MANGUINHOS E CAJU.

No mapa do Caju, à inscrição da Rua Carlos Seixas seguiu-se a anotação “Antigo CAIC/Desativado/Sede UPP”, realizada entre as marcações da Vila Tiradentes e da Vila Olímpica do Parque Boa Esperança: estava marcada com em hidrocores roxo e preto a presença da mais atual forma de ocupação militarizada dos territórios. Mas aos demais edifícios, equipamentos e espaços cercados que se sucediam na composição do mapa, também merece destaque a anotação “Campo de Tiro/Polícia Civil” feita em hidrocor preto, alocada no papel em trecho próximo à marcação cor-

respondente à usina de lixo, ao depósito de entulhos e ao Parque Conquista.

Após algumas conversas sobre como e porque algumas marcações seriam importantes de aparecer naquele mapa, a versão final de Manguinhos no papel pardo trazia a anotação “*Cidade da Polícia/faz nada.com/só mata.com.br*”, em hidrocor preto, de forma isolada de todas as demais inscrições realizadas. Acompanhando a Cidade da Polícia na lista das presenças de Estado militarizadas naquele território, aparecia também uma anotação “UPP” bem pequena, na região correspondente à sede da primeira unidade instalada em Manguinhos.



## DE QUANDO RUAS E BECOS REVELAM OUTRAS MARCAÇÕES DE VIOLÊNCIA

Quando foi levado para as oficinas um mapa “oficial”, cujas folhas brancas foram montadas como quebra cabeças, formando um retângulo que tomava conta de quase a sala toda, as ruas, os becos e as esquinas pautaram em grande medida o movimento de intervenções naquela outra plataforma de registro. Em função das justificativas e narrativas que acompanharam as intervenções no mapa de Manguinhos, esta segunda parte do texto tem como foco alguns pontos destacados pelas moradoras desta favela durante o processo em questão.

Uma das primeiras anotações foi realizada na via pública Leopoldo Bulhões, que recebeu a anotação “Faixa de Gaza”. Para algumas mulheres, é a “antiga faixa de gaza”, enquanto outras se referem à atualidade daquela nomeação. Uma das mulheres disse que quem batizou a via assim foi Garotinho, quando comprou os caveirões, pois tinha caveirão na Leopoldo Bulhões todo dia. Uma anotação de lápis (que posteriormente seria reforçada com hidrocor roxo) marca “esquina do medo” e vem acompanhada da frase: “O caveirão parava aqui e vinha dando tiro pra dentro”.

Uma das participantes pergunta: “Qual o nome da rua onde Mateus morreu?”, e outra responde: “Foi bem pertinho da Associação da Vila Turismo”. E a busca no



## “ ENQUANTO O “MAPA OFICIAL” RECEBE AS INTERVENÇÕES, AS MULHERES VÃO RECORDANDO EPISÓDIOS VIVIDOS NAQUELAS RUAS”



mapa começa a ser feita, até que os dedos apontam a Praça Américo Junior (Campo da Esperança) e, após a confirmação da mãe de Johnatha, a cruzinha que indicaria o local da morte de Mateus é desenhada no papel. Depois apontam o local onde o senhor José Joaquim havia sido executado: e outra cruz é inscrita com hidrocor preto.

Enquanto o “mapa oficial” recebe as intervenções, as mulheres vão recordando episódios vividos naquelas ruas. Uma delas narra o dia em que o caveirão estava numa região próxima ao Mandela e um policial saiu do veículo dando ordem para que ela sentasse na rua até o trajeto do blindado ser concluído – cena que ela qualifica como castigo. Encerrou o relato lembrando que naquele dia moradores

foram mortos por policiais a facadas. O mesmo blindado que promove o barulho das mensagens de ameaça e dos tiros também transporta agentes que rotinizam a violência institucional em silêncio.

A partir da localização das ruas, diferentes regiões de confronto armado foram marcadas: pontos onde trocas de tiros entre traficantes e policiais eram recorrentes; divisas entre localidades que, ainda que fossem dominadas pela mesma facção, sofriam com as disputas internas por gerências de bocas de fumo e conflitos gerados por outros motivos. Memórias de períodos de maior acirramento dos confrontos são atualizadas em traçados invisíveis feitos pelos dedos que indicam a multiplicidade de

rotas de invasões utilizadas tanto por traficantes, quanto por policiais – marcas que mesmo não sendo registradas integralmente no mapa, compõem o quadro de referência acionado para a feitura de inscrições definitivas no papel e para a elaboração das marcas dessas violências nos corpos e nas lembranças.

Trajetos do Arará para o Mandela, com a indicação da proximidade da região dos Correios e a necessidade de se passar pelo Canal do Cunha para chegar à Manguinhos são percorridos mais de uma vez enquanto é construída a explicação da forma atual de divisão da ocupação militarizada naquele território: denominada pela Secretaria de Segurança Pública do governo estadual como “UPP Manguinhos”, a primeira unidade de polícia pacificadora instalada na região foi inaugurada em janeiro de 2013 e abrangia as localidades de Manguinhos, Vila Turismo, Parque João Goulart, Varginha



“MEMÓRIAS DE PERÍODOS DE MAIOR ACIRRAMENTO DOS CONFRONTOS SÃO ATUALIZADAS EM TRAÇADOS INVISÍVEIS FEITOS PELOS DEDOS QUE INDICAM A MULTIPLICIDADE DE ROTAS DE INVASÕES UTILIZADAS TANTO POR TRAFICANTES, QUANTO POR POLICIAIS”

(ou Parque Carlos Chagas), Amorim (ou Parque Oswaldo Cruz), CHP2 (ou Vila União), Nelson Mandela, Higienópolis, Vila São Pedro, Cobal (ou Vitória de Mangueiros) e Arará; no entanto, no mês de setembro do mesmo, uma outra unidade denominada “UPP Arará/Mandela” foi instalada e seu efetivo está responsável pelo policiamento específico do Arará e do Mandela. Daí vem a explicação de que “quando a UPP pacificou Mangueiros, pacificou o Arará também”, como foi dito por uma moradora durante uma das oficinas de confecção dos mapas.

Vale destacar que as inscrições atreladas ao formato UPP de ocupação dos territórios se articulam também às unidades instaladas em regiões próximas, em especial as regiões conhecidas como Complexo da Penha e Complexo do Alemão. Nas conversas sobre UPPs que

acompanhavam as marcações no “mapa branco e cinza” surgiu a informação de que no dia em que foram assassinados um mototaxista que morava no Alemão e o comandante da UPP Nova Brasília, os agentes da UPP instalada em Mangueiros deram ordem para que todos os estabelecimentos comerciais e de lazer fossem fechados: show já começados foram interrompidos e, ainda que não haja registro de efetuação de disparos de arma de fogo, para fazer valer o toque de recolher, os agentes passavam pelos estabelecimentos com pedaço de pau pra bater naqueles que desobedecessem sua ordem. A interpretação predominante na conversa acionava o toque de recolher ordenado pelos policiais da UPP de Mangueiros enquanto marca da extensão do luto da corporação pela morte do comandante da UPP vizinha.



# DATAS IMPORTANTES

- 1938** ○ Prédio da Casa de Banho de João VI é tombado pelo IPHAN;
- 1960** ○ Inauguração da Igreja São Daniel Profeta;
- 1976** ○ 21 de dezembro, 1º incêndio em Manguinhos. Após esse ocorreram três ou quatro incêndios em sequência;
- 1990** ○ Ampliação do Terminal de Containers (TECONT) do Porto do Rio para o Caju e São Cristóvão;
- 1992** ○ Inauguração da Linha Vermelha e da Vila Tiradentes, no Caju;
- 1994-1995** ○ Ocupação Mandela de Pedra em parte do terreno da Embratel;
- 1996** ○ Prédio da Casa de Banho de João VI é restaurado pela COMLURB para abrigar o Museu da Limpeza Urbana;
- 2000** ○ Incêndio no Sem Terra, no Campo Esperança perto da Vila Turismo, em Manguinhos;  
19 DE SETEMBRO: incêndio no Mandela de Pedra, atrás da Igreja São Miguel Arcanjo;
- 2002** ○ Ocupação dos galpões abandonados da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), em frente à sede da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, criando a comunidade Vitória de Manguinhos ou COBAL;
- 2007** ○ Início das obras do PAC em Manguinhos;
- 2008-2009** ○ Período das remoções na comunidade João Goulart, especialmente na Beira-rio;

- 23 DE NOVEMBRO: sanção da lei que cria a Operação Urbana Consorciada da Região do Porto do Rio e a Área de Especial Interesse Urbanístico na mesma região;
- 26 DE NOVEMBRO: assinada a PPP entre a CDURP e a Porto Novo S/A para controle da área do Porto do Rio, que não inclui o bairro do Caju;
- Início da ocupação Vila dos Sonhos no antigo Hospital São Sebastião, Caju;
- Destruição de 110 casas na Vila dos Sonhos, parte de baixo do Hospital
- Demolição da CCPL para construção de loteamento para habitação popular;
- Dezembro: enchente em Manguinhos – as obras não levam em consideração que os becos são mais baixos que o nível da rua, gerando enchente;
- 16 DE JANEIRO: Instalação da UPP em Manguinhos;
- 12 DE ABRIL: Instalação da UPP no Caju;
- Cadastro de 105 famílias da Vila dos Sonhos no programa Aluguel Social pela Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos (SEASDH);
- 17 DE MARÇO: morre Mateus Oliveira Casé executado por policiais que atuam na Unidade de Polícia Pacificadora de Manguinhos;
- 17 DE OUTUBRO: morre Paulo Roberto Pinho de Menezes executado por policiais que atuam nas Unidades de Polícia Pacificadora de Manguinhos;
- 12 DE DEZEMBRO: morre José Joaquim de Santana executado por policiais que atuam nas Unidades de Polícia Pacificadora de Manguinhos;
- 14 DE MAIO: morre Johnatha de Oliveira Lima executado por policiais que atuam nas Unidades de Polícia Pacificadora de Manguinhos;
- 18 DE JUNHO: morre Afonso Maurício Linhares executado por policiais que atuam nas Unidades de Polícia Pacificadora de Manguinhos;
- Remoção da COBAL.
- 8 DE SETEMBRO: morre Christian Soares Andrade executado por policiais que atuam nas Unidades de Polícia Pacificadora de Manguinhos.

○ 2009

○ 2010

○ 2012

○ 2013

○ 2014

○ 2015



## **PARTICIPANTES DOS ENCONTROS E OFICINAS**

**Adriana Vianna (MN/UFRJ) • Aercio Oliveira (FASE) • Alessandra Lins da Silva Marinho (PROVIDÊNCIA) • Amanda Giordano (MARCHA DAS VADIAS) • Amanda Gomes Abreu (PROVIDÊNCIA) • Ana Paula Epiphany Lopes (MANGUINHOS) • Ana Paula Gomes de Oliveira (MANGUINHOS) • Anelise Gutterres (FASE) • Aurinéia Enedina da Silva (OMA/MANGUINHOS) • Beatriz de Almeida (CAJU) • Carla de Castro Gomes (UFRJ/ ISER/ MARCHA DAS VADIAS) • Carla Mattos (CEVIS/UERJ) • Carly Machado (UFRRJ) • Clarisse Werneck (CACARÁ /CAJU) • Claudia Fernandes Sanches (CACARÁ / CAJU) • Daniela da Silva Pereira (CACARÁ / CAJU) • Darcília Alves (OMA/MANGUINHOS) • Deize Silva de Carvalho (CANTAGALO) • Edileuza Elias dos Santos (CAJU) • Elenice Pessoa Barbosa (MANGUINHOS) • Eliane Leandro de Oliveira (CAJU) • Elziane Dourado (UERJ) • Fátima dos Santos Pinho de Menezes (FÓRUM SOCIAL DE MANGUINHOS) • Fransergio Goulart (FÓRUM SOCIAL DE MANGUINHOS) • Gláucia Marinho (JUSTIÇA GLOBAL) • Iara Amora dos Santos (CAMTRA) • Isabel Cardoso (ESS/UERJ) • Ivanildo Queiroz (CARCARÁ /CAJU) • Jane Maria Silva Camilo (FÓRUM SOCIAL DE MANGUINHOS) • Joana Barros (FASE) • Juliana Nascimento (CAJU) • Juliana Farias (UERJ) • Ladisséa S. Silva (CECIP) • Leilah Landim (UFRJ) • Lina Soares (CAJU) • Lilia Leandro de Oliveira (CAJU) • Luana Marfim Bezerra (FASE) • Luciana Soares (CAJU) • Lucimar Francisca Avelino (CAJU) • Luciana Soares (CAJU) • Luiz Antônio Machado da Silva (IESP/UERJ) • Marcos Vinicius da Costa Lima (PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA E PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA) • Márcia Rodrigues Galvão (CAJU) • Maria de Fátima Lourenço (FÓRUM SOCIAL DE MANGUINHOS) • Marielle Franco (OMA/ MANGUINHOS) • Marilene de Paula (FUNDAÇÃO HEINRICH BÖLL) • Marilene Paulino da Silva (CAJU) • Marina Ribeiro (IBASE) • Mônica Ponte (FASE) • Monique de Carvalho Cruz (FÓRUM SOCIAL DE MANGUINHOS) • Natália Damazio Pinto Ferreira (JUSTIÇA GLOBAL) • Nem Queiroz (CARCARÁ/ CAJU) • Nilma Faria de Aguiar (PROVIDÊNCIA) • Nilton Gonçalves (Carcará) • Norma Maria de Souza (OMA/ MANGUINHOS) • Paloma da Silva Gomes (MANGUINHOS) • Paulo Victor Leite Lopes (MN/UFRJ) • Rachel Barros (FASE) • Ricardo Costa Sousa (CARCARÁ/CAJU) • Rossana Tavares Brandão (COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS DA ALERJ) • Sílvia Aguião (LIDIS/UERJ) • Suellen Ferreira Guarniento (ISER) • Tatiana Dahmer (ESS/UFF) • Valquiria Castilho (CAJU) • Viviane Pereira da Silva (MARCHA DAS VADIAS)**



10. ESP.

5.8

4.7/0

CAMPO DE FUT.

3.0  
3.8

C.A. PAS.  
LTER CASOS DE  
PROBLEMAS FRENTAL

4.5

10.0  
10.0  
10.0  
10.0

P.3  
A.1